



Trabalhadores do século XX em poemas de Jorge de Sena

Beatriz Helena Souza da Cruz

Resumo: Numa obra marcadamente testemunhal, vasta e variada, como é o caso da construída por Jorge de Sena, composta por estudos literários importantes, foi eleito um grupo de poemas em que há, entre outras questões, situações diferentes de trabalhadores inseridos no Capitalismo, notadamente ambientados no século XX, bem como a ausência de emprego e suas consequências para as pessoas, principalmente. Foram selecionados os poemas “Os trabalhos e os dias”; “A lepra”; “Tudo é tão caro”; “Rendimento”; “Ode aos livros que não posso comprar”; “Lisboa, 1971”; “Filmes Pornográficos”; “Lamento de um pai de família”; “Camões dirige-se a seus contemporâneos” e “Conheço o sal”, nos quais poderemos tratar deste tema pela primeira vez.

Palavras-chave: literatura portuguesa; Jorge de Sena; dinheiro; trabalho.

Abstract: In a work markedly testimonial, vast and varied, as is the case built by Jorge de Sena, composed of literary studies major, was elected a group of poems in which there is, among other things, different situations of workers employed in Capitalism, mainly set in the twentieth century, as well as the lack of employment and its consequences for people, mainly. We selected the poems “Os trabalhos e os dias”; “A lepra”; “Tudo é tão caro”; “Rendimento”; “Ode aos livros que não posso comprar”; “Lisboa, 1971”; “Filmes Pornográficos”; “Lamento de um pai de família”; “Camões dirige-se a seus contemporâneos” and “Conheço o sal”, in which we can address this issue first.

Keywords: Portuguese literature; Jorge de Sena; money; labour.

Jorge de Sena esteve entre nós de 1919 a 1978. Português, naturalizado brasileiro em 1963, foi ensaísta, tradutor, crítico literário, professor e estudioso da literatura, com destaque para seus estudos renovadores sobre a obra de Luis de Camões e Fernando Pessoa; além de ter escrito vários contos, um romance e uma novela. Foi, acima de tudo, poeta. Devido à impossibilidade de continuar residindo em Portugal sob a ditadura de Salazar, mudou-se para o Brasil em

1959, Até o ano de 1962 integrou o Conselho de redação do jornal anti-salazarista Portugal Democrático, publicado em São Paulo desde 1956. Obteve em 1964 o título de Doutor em Letras e Livre docência pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, onde lecionou. Mudou-se em 1965 para os EUA, novamente devido à vigência de um regime ditatorial, onde permaneceu até falecer, em 1978.

Dedicado observador da humanidade e da sociedade de sua época, e também do nosso passado humano comum, dono de uma escrita inicialmente nada fácil de ser lida e entendida, a começar pelos enormes parágrafos que caracterizam seus estudos, bem como alguns extensos poemas, Sena vem cativando desde sempre admiradores entre os que se permitem dedicar-lhe leitura. Exemplifica essa afirmação o fato de, em 1999, ter sido criada na Faculdade de Letras da UFRJ a Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros, que edita a revista *Metamorfoses*, bem como o surgimento, em 2010, da página <http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena>, um importante espaço de divulgação de sua obra e ressonâncias, idealizado por Gilda Santos.

Classificado por Jorge F. Lourenço como “uma inteligência amorosa” (1987, p. 5), Sena construiu em sua obra uma ampla solidariedade com o outro, um percurso atento ao humano. Ele manteve com constância o compromisso de honrar a dádiva de estar vivo; a fidelidade que é, conforme afirmou o poeta, “uma das palavras-chave da minha pessoa e da minha obra”. (SENA, 1980, p. 254)

Poemas são textos, tanto quanto a vida que vamos construindo dia a dia, por atos e palavras, pensamentos e omissões. Poemas deixam marcas, de estilo, do momento histórico de sua escritura e, no caso deste autor, de sua engenhosidade na composição de uma obra poética tão variada. Nas palavras de Gilda Santos:

Estamos muito longe do *dandy*, do *flanêur* e do *spleen* que pontilham muitas páginas de Baudelaire, (...). Na poesia de Sena, o homem condenado a percorrer os labirintos da cidade não se permite a gratuidade do passeio: é sobretudo um vigilante atento, reflexivo, sempre pronto a acionar alarmes, preferentemente os da consciência. (2011, p. 82)

A partir da leitura também de ensaios e prefácios de Jorge de Sena, é possível observar que seu compromisso com a vida era a mola mestra para tudo o quanto escreveu, uma fidelidade para com a literatura enquanto espaço privilegiado para a existência do ser humano, como nos fragmentos a seguir:

(...) se não fora a poesia olhando a História, nenhuma vida em verdade conheceríamos, nem a nossa própria. (SENA, 1978, p. 163)

(...) nada há que possa ser alheio à poesia: e, se a obscenidade retornou saudavelmente à poesia moderna, não se vê razão para que todas as formas de expressão cultural não possam entrar nela...Se o mundo precisa de poesia, ou de que espécie de poesia precisa, isso é uma outra questão...Mas, na derrocada das falácias, quem está em honestas condições de responder? (Idem, p. 223 – 224)

É preciso demarcar que num universo de mais de seiscentos poemas, o corpus escolhido para minha dissertação de mestrado, recentemente defendida, tem como tema central trabalho e trabalhadores, tema que se estuda pela primeira vez na obra deste autor, sendo composto dos dez seguintes poemas, a saber: “Os trabalhos e os dias”; “A lepra”; “Tudo é tão caro”; “Rendimento”; “Ode aos livros que não posso comprar”; “Lisboa, 1971”; “Filmes Pornográficos”; “Lamento de um pai de família”; “Camões dirige-se a seus contemporâneos” e “Conheço o sal”.

A referida dissertação poderia ter tido como título “Os trabalhos e os dias em Jorge de Sena” ou algo parecido; no entanto, tal designação poderia criar uma expectativa frustrante, na medida em que poderia causar a impressão de que teria por base o poema homônimo de Hesíodo, mas, visto que o que quero destacar é a aparição de trabalhadores no contexto do século XX na obra de um

poeta com tão vasta e variada produção, bem como de sólido conhecimento erudito, opto por um título que alude diretamente ao tema. Tendo em mente que Sena se considerava o poeta do testemunho, e lendo sua obra podemos plenamente concordar com ele, atraíram minha atenção as reflexões que encontrei ao ler esses poemas, além da exímia construção que os caracteriza.

Observei que não há atividade associativa ou sindical nos poemas de Sena acima relacionados. Entretanto, o autor lança seu olhar para situações distintas: os trabalhadores que estão individualmente e solitários sofrendo a exploração, como é o caso taxista de “Lisboa, 1971”; aquele que está abandonado, que é a situação em que é retratado o pedinte de “Rendimento”. Temos também a percepção do surgimento de um segmento de mercado, como é o caso da indústria do cinema pornográfico que aparece em “Filmes pornográficos”.

Como a poeira que se levanta quando alguém sapateia em chão arenoso ou de barro seco, algumas incômodas situações cotidianas vem a lume com a leitura dos poemas construídos por Jorge de Sena. Não é da simples e conhecida exploração capitalista do trabalho de terceiros que se trata, mas expor minuciosamente como esse “terceiro” é um ser humano, o que desloca essa prática generalizada para o campo do indivíduo, portanto próximo de quem se dedicar a ler os poemas.

Ainda considerando o tema, é importante lembrar de que trabalho é um termo algo vasto e amplo, presente desde a *Teogonia*, de Hesíodo, passando pela criação bíblica, sendo uma das linguagens que foram dizendo o mundo. Desde tempos remotos, é possível considerarmos que todos os seres vivos necessitam viabilizar materialmente a sua existência. Com o advento, seguido do aperfeiçoamento e depois do aprofundamento, do modo de produção capitalista, bem como com a consolidação da economia capitalista, tal necessidade transforma-se brutalmente, pois, à medida que o sistema se desenvolveu, foi

englobando todas as áreas da sociedade, de modo que nos vemos inseridos num mundo, simultaneamente, do e para o consumo.

Os trabalhos e os dias, de Hesíodo, referencia o trabalho enquanto caminho ou instrumento de construção do indivíduo e de seu convívio em sociedade, em oposição ao trabalho alienante instalado pelo modo de produção capitalista. “Os trabalhos e os dias”, de Jorge de Sena, guarda também essa significação antiga para trabalho, enquanto que, por outro lado, “Filmes pornográficos” traz o trabalho alienante, no modelo das linhas de montagem fordistas.

À luz do que Sena escreveu acerca de si mesmo, afirmando que “os contrários são para [mim] mais complexos do que a aceitação oportunista de maniqueísmo simplista” (SANTOS, 2006, p.250), bem como por sua declarada afinidade com os escritos de Marx, posso pensar esse movimento dialético em seus poemas. Assim, temos, por exemplo, um taxista a se lamentar da injustiça que sofre por trabalhar e não receber remuneração suficiente para garantir a sua sobrevivência, mas no âmbito da necessidade de trabalhar.

É no modo como Sena vê o valor da poesia, como ele entende a poesia que vejo o quão é coerente com o conjunto de sua obra figurarem trabalhadores. Pela leitura do prefácio de *Poesia I*, de 1961, vemos que Jorge de Sena associa poesia à transformação do mundo. Como pensar a poética do testemunho numa dissertação sobre trabalho e trabalhadores sem pensar na biografia deste autor? Penso que seja relevante, pois, a relação de Sena com o trabalho na literatura, enquanto aquilo que o alimentava e construía, em oposição aos trabalhadores que surgem em seus poemas, cujos contextos em que foram inseridos levamos, como podemos ler nos poemas, a ter a vida usurpada pelo trabalho alienante.

Considerando a extensão dos escritos de Sena, é necessário demarcar que não se pretende aqui inventariar a produção multifacetada do autor, ao longo de

sua vida, mas demonstrar sua atuação como trabalhador da literatura. Um inventário completo seria tema para outra modalidade de trabalho acadêmico. Jorge de Sena nasceu no início do século XX, que é marcado pelo advento das duas Guerras Mundiais, em termos gerais, e pela permanência em Portugal de um modelo de governo no qual a maioria estava alijada do comando dos rumos da sociedade, sendo esse o contexto do surgimento do movimento neorrealista.

Aos neorrealistas interessava, “(...) fazer literatura não com heróis pré-fabricados ou estereotipados pela tradição, mas com os humildes, os injustiçados, os marginais (...)” (MOISÉS, 2008, p. 391), em oposição ao “movimento presencista”. (Idem). Esta não é uma classificação didática da história da literatura, visto que o movimento neorrealista tem, já no prefácio do romance *Gaibéus* (1939), de Alves Redol, seus objetivos expostos, a começar pela própria epígrafe do romance, a seguir:

Este romance não pretende ficar na literatura
como obra de arte.
Quer ser, antes de tudo,
um documentário humano
fixado no Ribatejo.
Depois disso,
será o que os outros entenderem (1965)

Nas obras identificadas com este movimento, predominam os trabalhadores de modo coletivo, a luta por liberdade, numa sociedade subordinada a um regime ditatorial, segundo Carlos Reis, “A reflexão acerca da representação da realidade e dos procedimentos a assumir pelo discurso literário para a sua concretização constitui uma das preocupações primordiais do movimento neorrealista.” (1999,p. 34), ao passo que nos poemas do corpus escolhidos temos o trabalhador enquanto indivíduo, cuja exploração é componente de um sistema econômico, mas está sendo abordada em casos particulares. Nas palavras de Jorge F. Lourenço: “(...) o poeta-testemunha não

fala em nome de ninguém, a não ser de si próprio, isto é, da humanidade que em si mesmo habita ou que ele vai recolectando e trazendo para a linguagem do poema” (2010, p. 238).

“A realidade da literatura de testemunho (afinal, sempre é literatura) será, porém, um pouco mais complexa,” afirma José F. Lourenço, distinguindo o testemunho seniano do Neorrealismo, “pois pressupõe uma selecção, uma hierarquização e uma organização, por parte do próprio ou de uma segunda mão, quer das fontes documentais, quer dos materiais não fictícios, de que, em princípio, se constitui.” Continua. Isto revela uma característica que está presente na poesia de Jorge de Sena, de serem poemas em andamento e dando a ver aquilo que observam, considerando que “(...) por sua vez, esta selecção e organização acarreta uma interpretação dos acontecimentos ou sucessos relatados, ou seja, implica o exercício de um ponto de vista.” (LOURENÇO, 2010, p. 237).

No prefácio de Poesia I, Sena faz alusão ao fato de que seus poemas necessitaram de um tempo para serem bem recebidos pelo público e crítica, discordando de uma crítica sobre *Fidelidade* (1958), que advogava que este volume simbolizasse alguma mudança na forma de escrita do autor. Isto me levou a procurar comentários acerca das obras de Sena anteriores a *Fidelidade*. Vejamos, a seguir, uma crítica feita a *Perseguição*:

“(...) em 7 de janeiro (...) (1943), Casais Monteiro, no Diário Popular, ensaia uma tentativa de explicação da resistência e da incompreensão com que o livro deparou: “Jorge de Sena é uma das últimas revelações da poesia portuguesa. Até agora a sua poesia quase só tem encontrado incompreensão, o que não me parece admirar, dadas as dificuldades de leitura do seu primeiro livro, *Perseguição*, onde há de facto, não só a obscuridade inerente a certos tipos de poesia, como mais alguma que é falta de clarificação, um excesso de riqueza de problemas que não encontraram ainda a sua expressão poética, e dão aqueles núcleos prosaicos, de laboriosa leitura, que prejudicam tantos dos seus poemas.” (LISBOA, 1984, p. 17)

Passemos agora ao texto referido acima, em que Jorge de Sena observa uma mudança na recepção de sua obra, não mudança na sua poesia, por ocasião da publicação de *Fidelidade* (1958), a saber:

Salvo o que necessariamente existe, (...), de inerente a uma experiência poética mais depurada (...) e a uma maturidade individual que a idade sempre pode dar-nos, eu firmemente não creio que haja entre ele e os outros quaisquer diferença fundamental. Simplesmente me permito supor que a linguagem minha, (...), acabou por ser aceite, pelos críticos, como um fato consumado e irremovível, e acham que sou agora inteligível, quando apenas sou lido com os olhos de uma aceitação a que se resignaram. (...) Não fui eu quem, em vinte e cinco anos, mudou – eles, leitor amigo, é que mudaram muito. (1961, p. 9)

Os poemas

“**A lepra**”. A palavra “lepra”, que compõe o título deste poema, impõe pensarmos na doença por ela nomeada, que se caracteriza por ser altamente contagiosa e de existência antiga, sendo por essa razão muito temida ao longo da história da humanidade. Isolamento é uma condição necessária para seus portadores, tendo havido momentos na história em que os leprosos foram separados da comunidade e agrupados. Os versos deste poema, a meu ver, remetem a este tipo de segregação imposto aos doentes.

Por outro lado, penso na comparação construída neste conjunto de versos entre “poesia” e “lepra”. Neste caso, assim como os portadores de lepra tornavam-se destacados da comunidade, os poetas também o são. Poetas se interessam pelos poemas alheios e, sendo assim, vejo representado o próprio Jorge de Sena, que dedicou grande parte da vida aos estudos camonianos, bem como aos pessoais e de poesia portuguesa, tendo deixado diversos volumes com o material resultante destes estudos; além das traduções de outros poetas que realizou.

Assim como uma doença que nos acomete, parece ser com a necessidade da poesia que há nos poetas, como algo que não permitisse escolha, sendo esta

necessidade um tema que vejo em “Os trabalhos e os dias”, que será tratado à frente. É o que afirma Leyla Perrone-Moises, em introdução a uma seleção de poemas de Cesário Verde: “a impressão que nos fica, (...), é que ele nunca escreveu procurando agradar ao público, e sempre para realizar o que era uma necessidade íntima de sua personalidade poética.” (2005, p. 15).

Em “A lepra” não consta a palavra trabalho, bem como nenhuma referência a alguma categoria profissional, mas vemos a realização de parte da tarefa ou do compromisso assumido pelos poetas, que é lerem-se uns aos outros, o que me traz novamente à mente a biografia do próprio autor, visto que, se considerar que o que mantém um texto vivo é a sua leitura, posso ler este poema como de reconhecimento e louvação àqueles que se dispõem a tal tarefa, lendo ou publicando e novamente publicando os autores.

“Tudo é tão caro”. Este é um poema curto, composto por nove versos, mas que se desdobra a partir e através dos possíveis significados do vocábulo “caro”. Caro é um dos modos pelos quais podemos nos referir a algum produto ou serviço cujo preço de compra consideremos excessivo. Por outro, fora da esfera do mundo material e das mercadorias, caro é sinônimo de querido, pessoa que tenhamos em alta conta por razões como relações de parentesco ou amizade, bem como por envolvimento amoroso, por exemplo.

Os pronomes indefinidos “tudo” e “nada” comungam da imprecisão de significados, bem como da conotação totalizante, e postos num poema funcionam potencializando o significado do que vem a seguir. Combinados como estão, constroem uma situação em que um eu lírico que não identificamos encontra-se impotente.

Um movimento simultâneo de dar e receber, ganhar e perder, como o que vemos também em “Amor é fogo que arde sem se ver”, é a essência da construção deste pequeno poema, considerado a quantidade de versos somente. Se olharmos, por exemplo, versos de Gastão Cruz, como: “Não estamos

preparados para nada:/ certamente que não para viver.”(2009, p. 26), podemos ter “nada” a englobar todas as possibilidades para uma pessoa.

Há uma ideia que perpassa este poema, mesmo considerando que não há nenhuma menção a algum momento histórico específico, nem metáforas sobre algum sistema econômico, que é o entendimento de que existem coisas não mensuráveis em moeda corrente, de modo que nem tudo se pode comprar.

“Os trabalhos e os dias”. Segundo Óscar Lopes, sobre *Coroa da terra*, volume em que este poema apareceu, “avoluma-se outra faceta doravante característica: a verberação polêmica ou nauseada, por imagens cumulativas, da miséria, ou lixo podre, condição humana (...)”¹. No prefácio à segunda edição de Poesia I, Sena afirmou que este volume é “(...) a busca de uma expressão intrínseca dialéctica ou em dialéctico fluxo, nos termos marxistas da minha formação filosófica.” (1988, p. 16)

Neste poema louva-se a construção do poeta, que se faz enquanto uma pessoa dedica-se a este ofício, “este papel, esta mesa, eu apreendo o que escrevo”marca a instalação da condição do poeta, ao passo que no poema de Hesíodo “temos o mito da criação do homem” (LAFER, 2008, p. 63).

Considerando que, no poema “Os trabalhos e os dias”, o eu que “apreende o que escreve” carrega “a imagem do homem que não cessa de trabalhar em prol da compreensão de si e dos outros, acreditando na necessidade de testemunhar o humano no que ele tem de melhor” (ALVES, 2004, p. 176), ou seja, o poeta/homem que realiza um trabalho elevado porque a serviço da coletividade, um serviço poético que exige o gesto de apagamento deste trabalhador/poeta.

“A obra é o que primeiro faz aparecer o artista como um mestre da arte. O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista”² segundo Heidegger, e aqui vejo uma definição na qual se encaixa a práxis poética de Sena, na medida

¹ In Poesia I, pg. 211, indicando publicação em Comércio do povo a 27.09.1960

² “Por médio de la obra; pues decir que una obra enaltece al maestro,significa que la obra, ante todo, hace que un artista resalte como maestro del arte. El artista es el origen de La obra. La obra es el origen Del artista.” (HEIDEGGER, 1973, p. 37)

em que o poeta no mundo se constrói enquanto o constrói. Conforme Lourenço: “para Jorge de Sena, a poesia é não só uma experiência de conhecimento, e conhecimento experimentado, como transmissão desse conhecimento e dessa experiência, ideia implícita na própria noção de testemunho.” (2010, p. 52)

Os três poemas que compõem esta primeira parte comungam da ausência de referências diretas a dinheiro ou emprego, contendo por outro lado alusões ao valor, seja no das pessoas, na relação com a poesia ou com a construção do poeta, de modo que estes poemas compartilham também de universalidade. Relacionam-se com o que escreveu Sophia de Mello Breyner Andresen, para quem “[A] poesia não (...) pede propriamente uma especialização pois a sua arte é uma arte do ser. Também não é tempo ou trabalho o que a poesia me pede. (...) Pede-me antes a inteireza do meu ser”. (1995, p. 510)

“Rendimento”. Neste poema, o autor pinta um quadro, uma imagem a partir da qual fundamenta-se uma opinião negativa com relação ao funcionamento de uma sociedade na qual não causa espanto que uma pessoa esteja numa rua qualquer a mendigar, indicando criticamente que numa tal sociedade pessoas sejam equivalentes a números frios de registros burocráticos que não desembocam na prestação de serviços ou ações que visem cuidar das vidas humanas, uma das razões pelas quais se constituíram os Estados nacionais.

Não vejo ironia neste poema. Se observarmos o funcionamento da sociedade capitalista, bem como o seu andamento ao longo do tempo, poderemos perceber que, para o bom funcionamento desse modo de produção buscou-se forjar hábitos de consumo, criando necessidades e/ou mudando os nomes das coisas. Penso em rendimento, palavra que tem como significado ganho de dinheiro, sem o qual não é possível se inserir numa sociedade baseada no consumo.

Seria possível esmola ser considerada um ganho? Esmola é um auxílio, mas não é fruto de trabalho, não é um tipo de remuneração, embora

materialmente seja recebida em dinheiro. Sendo assim, este poema lida com questões complexas do funcionamento da sociedade, que não percebemos no cotidiano. Pedir esmola demonstra necessidade material, situação vexatória para quem pede.

Invisibilidade é algo que se destaca nesta construção, pois alguém descreve a cena, sem a participação do pedinte, como se vê já na primeira estrofe: “Estava sentado num degrau da porta,/ (...) barba por fazer e o cabelo em repas desoladas.”; acrescida da combinação de alguém inexpressivo, que pela barba só pode ser um homem, numa rua de pouco movimento, que passivamente aguarda, em oposição ao taxista de “Lisboa, 1971”, por exemplo, que mesmo empregado reclama e argumenta.

Penso, por ler estes versos, que a contribuição marxista de Marcuse na leitura de Freud seja apontar o trabalho “além” que há na sociedade capitalista, os excedentes em cuja mais valia o capitalista enriquece às custas do trabalhador, pois uma coisa é a necessidade de canalizar os membros da sociedade para o necessário trabalho em prol da manutenção da vida do homem reunido numa coletividade, outra bem diferente é manter a maioria trabalhando além do necessário para a obtenção de tal fim, bem como manter um exército de excluídos para manter pressionado o conjunto dos trabalhadores quanto às incertezas de sua condição de não detentores dos meios de produção e dependentes das estruturas do sistema, donde nascem questionamentos, como este:

A civilização ocidental sempre glorificou o herói, o sacrifício da vida pela cidade, o Estado, a nação; raramente indagou se a cidade estabelecida, o Estado ou a nação eram dignos do sacrifício. (MARCUSE, 1972, p. 19)

A leitura do poema “Rendimento” me leva a refletir sobre o que escreveu Marcuse, ou seja, como é possível que numa estrutura social que é sustentada

pelo conjunto da sociedade, cujo desenvolvimento dos modos de produção guardava a promessa e a expectativa de universalização de produtos e serviços, bem como de liberdade para escolher, devido a princípios como o da livre concorrência, possa admitir que uma parcela de seus membros esteja “sentado num degrau da porta, (...)/ numa rua de ligação, (...)” (SENA, 1961, p. 183) pedindo esmolas?

Este sujeito que está parado numa rua mendigando, encontra-se numa condição de estagnação na sociedade, posto que está excluído do trabalho e das possibilidades do consumo; de modo que o poema tematiza imobilidade, petrificação. Se nos outros poemas componentes deste corpus há trabalhadores reclamando serem insuficientes os seus rendimentos, não permitindo que honrem todas as suas despesas, este já foi suplantado pelo sistema.

O livre comércio, a liberdade de expressão são elementos constituintes da organização social, de modo que está disseminada a ideia de que todos tenhamos o direito de escolha. No entanto, uma simples observação é suficiente para percebermos que, no capitalismo, nossas escolhas passam necessariamente pelo tamanho de nossos bolsos, de modo que, conforme salienta Herbert Marcuse:

(...) a mais eficaz subjugação e destruição do homem pelo homem tem lugar no apogeu da civilização, quando as realizações materiais e intelectuais da humanidade parecerem permitir a criação de um mundo verdadeiramente livre. (1972, p. 28)

De modo indireto, o poema carrega um entendimento de que vivemos num sistema contraditório, um momento posterior a uma série de descobertas e invenções no campo da medicina e do desenvolvimento industrial, que produziu uma série de bens materiais e conhecimentos de modo a permitir uma existência mais confortável para a humanidade, potencial que não se realiza devido ao modo como as riquezas coletivamente produzidas são divididas.

“Camões dirige-se aos seus contemporâneos”. Na construção deste poema vemos um artifício utilizado pelo próprio vate em sua epopeia, ou seja, o eu lírico fala de um futuro que já conhece, mas o faz como quem está apenas a adivinhar ou antever, por qualidades de seu raciocínio, os caminhos percorridos.

Lendo *Os Lusíadas*, podemos dizer que a recepção de sua obra era uma questão importante para Camões. Em vida, porém, o poeta somente viu em volume o seu épico. Assim, ao longo do tempo, sua obra foi apropriada inescrupulosamente, depois teve peças que não compôs atribuídas a ele. E é isto o que vemos neste poema de Sena, não uma trajetória histórica do Vate quinhentista, mas um percurso da recepção de sua obra.

Roubo é algo que está ligado ao que seja de valor, caso contrário não haveria interesse em roubar. E aqui há menção desde à usurpação de seus poemas, em “E podereis depois não me citar,/ suprimir-me, ignorar-me, aclamar até/ outros ladrões mais felizes.”, e também à farsa do túmulo, quando se quis aprisionar Camões como símbolo da nacionalidade portuguesa, que lemos nos quatro últimos versos deste poema, o que também aconteceu com o modo como *Os Lusíadas* foi sendo utilizado, como obra surgida para guardar na memória as glórias do Império português de outrora.

Neste particular, sobressai o papel de Sena, a fidelidade da sua leitura de *Os Lusíadas*, ou seja, lendo o que o autor escrevera, impondo o rompimento de um ciclo de leituras que buscava fazer um uso, ou usos, do texto camoniano. Refiro-me diretamente ao discurso proferido por ocasião das comemorações do dia de Camões, em 1975:

(...) em 1978, cumprem-se trinta anos sobre a primeira vez que, de público me ocupei de Camões, iniciando o que (...) tem sido uma contínua campanha para dar a Portugal um Camões autêntico e inteiramente diferente do que tinham feito dele: um Camões profundo, (...) dramático e dividido, (...) subversivo e revolucionário, em tudo um homem do nosso tempo, que poderia juntar-se ao espírito da Revolução de Abril de 1974 (...) (SENA, 1980, P. 253)

A invisibilidade daqueles que não dispõem de recursos materiais é característica comum nestes dois poemas, embora o pedinte e o vate não tenham sido ambientados num mesmo momento histórico. Do mesmo modo, estes dois eus líricos comungam de uma existência em que se pode perceber a necessidade do dinheiro, pela ausência deste.

Dinheiro é tema que perpassa a obra de Jorge de Sena, evidenciando diversos modos de relações entre as pessoas. Comparece como medida de valor, frequentemente para marcar a desvalorização do ser humano. É o caso, por exemplo, do poema “Rendimento”, no qual temos demonstrada a necessidade de pedir esmolas por parte de um adulto, que “No regaço, e protegido pelos joelhos agudos,/ tinha um boné no qual/ esmolavam os transeuntes.” (SENA, 1961, p.183). A essa esmola chamarei de dinheiro-humilhação, que aponta para a importância do dinheiro na nossa sociedade. Podemos observar na cena a inscrição de um desconhecido, do qual também se indicia a falta de saúde, fator cuja principal consequência -- tema central no poema -- é o impedimento para o trabalho, o que inviabiliza o atendimento das necessidades básicas para a manutenção da vida em condição minimamente digna.

“Pertencço a um gênero de portugueses/ Que depois de estar a Índia descoberta/ Ficaram sem trabalho. A morte é certa./ Tenho pensado nisso muitas vezes.” (2001, p. 304) são versos de Álvaro de Campos nos quais o tema é o desemprego, assim como é neste momento pós-descobertas que Sena ambientou um Camões/personagem desempregado, poeta acima de tudo, em seu conto “Super flumina Babylonis”, que persevera sendo poeta, como vemos no trecho:

(...) Erros meus, má fortuna, amor ardente, em minha perdição se conjuraram, os erros e a fortuna sobejaram, que para mim bastava amor somente. Perdição. Amor somente. Como a poesia é falsa e verdadeira. Como ela diz não dizendo, e é não dizendo que diz. Como da nossa alma não sabemos nada antes de escrevê-la, e como não é dela que sabemos depois de ter escrito.

(...) Mas era um grande poeta, transformava em poesia tudo o que tocava, mesmo a miséria, mesmo a amargura, mesmo o abandono da poesia. (1966, p. 162)

Para abordar o trabalho e os trabalhadores propriamente nos poemas escolhidos para esta dissertação, a princípio considerei a possibilidade de demarcar uma divisão, classificando o trabalho funcionando como espaço, possibilidade ou instrumento de construção do ser humano, em oposição ao trabalho enquanto instrumento de opressão e aprisionamento, intenção esta que achei prudente abandonar, visto que nos poemas, por vezes erigidos sobre reflexões, em poucas oportunidades seria possível explorar uma ou outra posição do trabalho em separado, pois o autor explora muito bem a pluralidade de significados, o que dificulta limitações, sendo esta uma característica que a meu ver agrega valor aos poemas de Sena.

A pretensão de estudar trabalho na obra poética de Jorge de Sena aponta para a necessidade de dissertar brevemente pelas várias possibilidades que o trabalho encerra, desde a origem etimológica da palavra trabalho – *tripalium*, instrumento medieval de tortura composto de três paus – até o conceito marxista ou a conotação que o termo guarda no modo de produção capitalista, pois nesta poesia que é o objeto do estudo tais variações ou diferenças importam muito, visto que o autor transita entre esta variação, enquanto testemunha o percurso do homem pelo mundo material.

O vocábulo *trabalho* ocupa um grande espaço no dicionário, por apresentar várias acepções, desde “aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim”, até “atividade humana considerada como fator de produção” (FERREIRA, 1999, p. 1980- 1981), passando por “parto” e “bruxaria”, de modo que é necessário delimitar-se de que trabalho estamos falando.

Para este artigo está sendo observado o trabalho no contexto do sistema capitalista, “[a]quilo que era uma finalidade básica do ser social – a busca de sua realização produtiva e reprodutiva no e pelo trabalho – transfigura-se e se transforma” (ANTUNES, 2005, p. 69), em que atuam trabalhadores assalariados ou prestadores de serviço, lembrando que neste sistema “[o] processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, como tudo, uma mercadoria especial, cuja finalidade vem a ser a criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital.” (Idem).

O primeiro poema desta seção, em que a falta de dinheiro é tematizada diretamente, evidencia um outro fato que parece natural, e que, no entanto, é uma construção advinda com o modo capitalista de produção, que é a necessidade do dinheiro para nos movermos nesta sociedade, bem como para realizações como a compra ou publicação de um livro.

“Ode aos livros que não posso comprar” é o único poema do corpus escolhido que figurará neste texto, em razão de permitir visualizarmos diretamente a problemática da falta de dinheiro, e percebermos, simultaneamente, que a construção não se limita a isso. Vejamos:

Hoje fiz uma lista de livros,
e não tenho dinheiro para os poder comprar.

É ridículo chorar falta de dinheiro
para comprar livros,
quando a tantos ele falta para não morrerem de fome.

Mas também é certo que eu vivo ainda pior
do que a minha vida difícil,
para comprar alguns livros
- sem eles, também eu morreria de fome,
porque o excesso de dificuldades na vida,
a conta, afinal certa, de traições e portas que se fecham,
os lamentos que ouço, os jornais que leio,
tudo isso eu tenho de ligar a mim profundamente,
através de quantos sentiram, ou sós, ou mal acompanhados,
alguns outros que, se lhes falasse,
destruiriam sem piedade, às vezes só com o rosto,
quanta humanidade eu vou pacientemente juntando,
para que não se perca nas curvas da vida,

onde é tão fácil perdê-la de vista, se a curva é mais rápida.

Não posso nem sei esquecer-me de que se morre de fome,
Nem de que, em breve, se morrerá de outra fome maior,
Do tamanho das esperanças que ofereço ao apagar-me,
Ao atribuir-me um sentido, uma ausência de mim,
Capaz de permitir a unidade que uma presença destrói.

Por isso, preciso de comprar alguns livros,
Uns que ninguém lê, outros que eu próprio mal lerei
Para, quando se me fechar uma porta, abrir um deles
Folheá-lo pensativo, arrumá-lo como inútil,
E sair de casa, contando os tostões que me restam,
A ver se chagam para o carro elétrico,
Até a outra porta.

Entra em cena o dinheiro, que é um elemento intimamente associado à condição de empregado, visto que da venda da força de trabalho deve resultar um pagamento, independente de ser o suficiente para as necessidades do trabalhador ou não. “Considerando que falamos do poeta que se colocou a serviço do testemunho, poderíamos nos perguntar qual o espaço que ocupa, bem como o papel que desempenha, o dinheiro na obra seniana.” (CRUZ, 2011). Neste poema, a posse de dinheiro é condição de mobilidade, visto que para sair de casa, este eu lírico precisa ir “contando os tostões que (...) restam,/ A ver se chegam para o carro elétrico,” conforme lemos ao final do mesmo.

O poema se inicia a partir de uma “(não) metáfora”, conforme escreve Luis Maffei, “Simples como isso:” e cita os versos iniciais do poema: “Hoje fiz uma lista de livros,/ e não tenho dinheiro para os poder comprar.”, e completa: “uma afirmação que poderia estar fora de um poema. Mas não está.”(2009, p. 157). Como podemos perceber, aqui não se lamenta a impossibilidade da atitude meramente consumista, mas a impossibilidade de satisfazer uma necessidade, expressa nos versos: “(...) preciso de comprar alguns livros,/ Uns que ninguém lê, (...)/ Para, quando se me fechar uma porta, abrir um deles” (SENA, 1989, p. 143).

Num sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção e acumulação de bens materiais, no qual autor e obra estão inseridos, pretende-se que o dinheiro opere tal como a chave que abre todas as portas. Sua ausência cumpre, assim, o papel de instalar o espaço da pobreza material ou denunciar a desigualdade social em que se estrutura uma sociedade. Sena o desmascara, no entanto, em “Ode aos livros que não posso comprar”, pois compara a necessidade de comprar livros com a necessidade de comprar comida, a meu ver, demonstrando quão limitada pode ser uma existência quando somente importa atender às necessidades de manutenção do corpo.

Livro, um elemento que perpassa todo o poema, é um produto que exerce a função de veículo de obras literárias, didáticas, registros históricos e/ou documentais, entre outros, ou seja, mercadoria e receptáculo do texto, mesmo de textos contra a organização social vigente, conforme é o caso do *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em 1848. Foi através deste formato que conhecemos, por exemplo, *Os Lusíadas*, cuja publicação não trouxe frutos econômicos ao seu autor.

Na lógica do capitalismo, em que as relações passam cada vez mais pelo consumo, o livro ocupa o lugar de meio pelo qual acessamos os variados textos possíveis. É certo que nos dias de hoje dispomos de maior diversidade de meios, comparando com a época da composição deste poema, mas a necessidade de pagamento está cada vez mais reforçada, de modo que a temática do poema permanece atual.

Na quarta estrofe, dentre as cinco em que o poema está dividido, encontramos o verso “Do tamanho das esperanças que ofereço ao apagar-me,”, em que percebo uma alusão à atividade testemunhal do poeta, visto que esta falta de dinheiro versada atinge um ser humano, mantendo-o angustiado e frustrado, e o conjunto do poema, todo composto em primeira pessoa, expõe uma situação de insegurança, como podemos perceber nos versos “(...) o

excesso de dificuldades na vida,” e “os lamentos que ouço, os jornais que leio”. (SENA, 1989, p. 143)

Retomando os versos da estrofe final, leio-os como um sinal de que o caminho para suplantar a “minha vida difícil” (SENA, 1989, p. 143) extrapola o que o dinheiro possa comprar. Para tal existe a arte, aquilo que pode haver de mais humano feito por nós, mesmo que a sua obtenção ou o acesso à arte tenha de passar pela relação monetária de comprar um livro, ou pagar ingresso em museus, cinemas e teatros.

“Lamento de um pai de família”. Poema longo, de construção livre de métrica, “Lamento de um pai de família” instala uma atmosfera pesada, de falta de perspectivas e de desesperança. O tom de exasperação que sinto ao ler este poema me traz à lembrança alguns versos do “Opiário”, especificamente toda a vigésima nona estrofe e o primeiro verso da trigésima, em que se lê:

Caio no ópio por força. Lá querer
Que eu leve a limpo uma vida destas
Não se pode exigir. Almas honestas
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! (PESSOA, 1976, p. 22)

“Um poema é a projeção de uma ideia em palavras através da emoção. A emoção não é a base da poesia: é tão somente o meio de que a ideia se serve para se reduzir a palavras” (PESSOA, 2001, p. 297) escreveu Ricardo Reis em nota preliminar aos poemas de Álvaro de Campos, e é o efeito desta projeção de ideias em palavras o que encontramos, pois é claro no poema a angústia um cidadão, que está mergulhado num contexto adverso, bem como na observação que o eu lírico do “Opiário” empreende sobre a sociedade, nos versos acima, não está limitado a questões de falta de dinheiro simplesmente, mas, numa sociedade cujo objetivo central é a obtenção do lucro, ter ou não ter dinheiro é

um elemento que pesa grandemente na determinação do lugar que ocupamos, ou que nos é permitido ocupar, de modo que a condição financeira extrapola a esfera do mundo material, estendendo seu alcance para todos os aspectos da nossa vida.

O que transparece desta leitura é que o trabalhador é o invisível que constrói e mantém a artificialidade do sistema, sem dar-se conta disso. Escravo ou assalariado, é a sua vida roubada que constitui a base do sistema. Em “Lamento de um pai de família” são elencadas estranhas opções de ocupação, como “gigolô”, “pederasta profissional”, “denunciante de amigos”, “ser militar”, e penso nelas como um modo de dizer dos empregos que não há em Portugal. Se o homem e a sociedade são construídos pelo trabalho, pela transformação da natureza, pela produção de bens, este poema parece levantar que há algo errado, mesmo considerando o funcionamento do próprio sistema, já que nele não há nenhum chamamento à subversão da ordem estabelecida.

“**Lisboa, 1971**”. Dentre os vinte versos que compõe este poema, apenas cinco referem-se ao taxista, de alguma forma. No quarto verso, “Os meus amigos” são do eu que fala no poema, que não é o trabalhador. Nos décimo quinto, décimo sexto e décimo sétimo versos há um outro que fala, um passageiro; mas o taxista não tem voz.

O taxista deste poema não demonstra estar sentindo-se aprisionado no ambiente, ou num dado espaço físico. Trata-se de outro aprisionamento aqui: o econômico. O conteúdo deste poema é condizente com um capitalismo em estágio mais avançado, com relação ao início do século XIX que está guardado na obra de Cesário Verde. Um momento em que as paredes que aprisionam não podem ser vistas, como numa fábrica; nem percebidas tendo-se em conta a permanência circunscrita à cidade, visto que na segunda metade do século XX o que cerceia a vida da maioria é a permanente necessidade de estar trabalhando para obter dinheiro, sem o qual nada se faz.

O taxista é como o poeta, alguém que presta serviço, portanto, transporta o que é principal, mantendo-se numa posição coadjuvante. O poeta é também um trabalhador, visto que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, mas alguém desempenhando um papel social, na medida em que oferece aquilo que testemunha através da lente das suas reflexões, oferece um caminho.

Jorge de Sena, ao abordar o mundo material em seus poemas, me permite, por exemplo, em “Ode aos livros que não posso comprar”, pensar no espaço da literatura na vida do homem da segunda metade do século XX, num momento em que é preciso ter dinheiro para qualquer aspecto da vida, inclusive a arte e a cultura, visto que também estas foram transformadas em produtos a serem consumidos.

Assim como Jorge F. Lourenço, acredito o que importa mais é a obra literária de Jorge de Sena, a partir e diante da qual podemos aprender, pensar, imaginar, refletir e percorrer caminhos de uma vida. Nas próprias palavras de Lourenço, “Acredito (...) que, por maior que seja o mérito do nosso trabalho, enquanto leitores da poesia e estudiosos da literatura, o mérito maior é sempre da obra e do poeta que o suscita. (...) a vida seria um erro sem o erro da poesia.” (2010, p. 13). Ler Jorge de Sena é se aproximar daquela inquietação de uma inteligência que se construía, enquanto observava e participava do mundo.

Considerando que a exploração opera dentro do processo produtivo capitalista, e que isto visa o lucro e independe da moralidade dos capitalistas, pelo fato de que o valor do produto criado pelo trabalho é sempre maior que o valor de mercado da força de trabalho, vão sendo criados os mais variados tipos de mercadoria e, conseqüentemente, nichos de mercado os mais inusitados.

Ocorre que Jorge de Sena, atento ao mundo em que vivia, bem como à lógica ávida por lucro, que só pode ser gerado pela exploração do trabalho alheio, ao assistir um filme pornográfico, fruto de uma indústria em expansão na

década de setenta do século passado, compõe um poema em que expõe esta nova engrenagem, ao mesmo tempo em que demarca o espaço do humano, refiro-me ao poema “Filmes Pornográficos”.

Vejo-o como um poema em que sejam faces de uma moeda os pares aparência/produto e vida/ações. Refiro-me à distinção entre o sexo enquanto matéria-prima de um produto comercial, tarefa dos funcionários, com direção, cujas imagens estavam sendo captadas por uma câmera manuseada por outro funcionário, de um lado; e, por outro lado, a possibilidade do encontro de duas pessoas ao longo do percurso de suas vidas.

O poema é construído com a utilização de alguns vocábulos que deixam bem marcada a condição industrial do que se observa, como “máquina”, “máquinas”, “profissional”, “paga”, “mecânico”. A palavra consumo não consta de nenhum dos versos, mas é facilmente percebida a relação por ela expressa, no verso “para quem paga estar seguro de”, ou seja, há a garantia de venda ou fornecimento de um determinado produto a um determinado consumidor, que adquiriu direitos de consumo mediante pagamento.

Assim como Jorge F. Lourenço, acredito o que importa decisivamente é a obra literária de Jorge de Sena, a partir e diante da qual podemos aprender, pensar, imaginar, refletir e percorrer caminhos de uma vida. Nas próprias palavras de Lourenço, “Acredito (...) que, por maior que seja o mérito do nosso trabalho, enquanto leitores da poesia e estudiosos da literatura, o mérito maior é sempre da obra e do poeta que o suscita. (...) a vida seria um erro sem o erro da poesia.” (2010, p. 13). Ler Jorge de Sena é se aproximar daquela inquietação de uma inteligência que se construía, enquanto observava e participava do mundo.

Cristaliza-se o entendimento de que oferecer poemas à humanidade, assumir e manter-se fiel a essa tarefa de ser um poeta, pela vida afora, é o maior gesto ético de Jorge de Sena. O compromisso com a vida aparece frequentemente e de modo variado em seus poemas, e o verso “Uma corrente me

prende à mesa em que os homens comem.” (1961, p. 70) é significativo neste sentido, assim como em sua única novela, *O físico prodigioso* (1966³), e em seu *Sinais do fogo*, “único romance escrito” (SENA, 1994, p. 8) do projeto Monte Cativo este compromisso figura. Nas palavras de Jorge F. Lourenço:

(...) de um modo talvez demasiado sintético, a poesia, para Jorge de Sena, é e não é documento (biográfico, social, cultural, literário), na medida em que o que com a poesia se documenta é, na sua temporalidade e historicidade de linguagem, uma transfiguração e um devir. (2010, p.20, 21)

De fato, olhar, falar ou pensar a sociedade, seu funcionamento e suas relações, mesmo em literatura, é trabalhar com elementos de algum modo incompletos e em andamento, como a vida. Viver não é, simplesmente, utilizar o espaço de tempo compreendido entre os dias de nosso nascimento e morte, isso seria tão somente estar vivo. Este é um ponto de vista que aparece em vários momentos da obra seniana, como exemplarmente em versos do poema “A morte, o espaço, a eternidade”, que finaliza a parte de poemas relacionados a obras visuais de *Metamorfoses*: “Não foi para morrer que nós nascemos”; “A morte é natural na natureza. Mas/ nós somos o que nega a natureza.”; “Para emergir nascemos.” (1978, pg. 139)

Referências

SENA, Jorge de. *40 anos de servidão*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *Poesia I*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1961.

_____. *Poesia II*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1978.

_____. *Poesia III*. Lisboa: Edições 70, 1989.

³ Esta data se refere à primeira publicação desta novela, dentro do volume *Novas andanças do demônio*.

- LOURENÇO, Jorge Fazenda. *A poesia de Jorge de Sena. Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*. Lisboa: Ed. Guerra e Paz, 2010.
- MAFFEI, Luis. O dinheiro como metáfora ou a (não) metáfora do dinheiro em dois poemas de Jorge de Sena. *Gragoatá n.26*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense – Niterói: EdUFF; 2009, p. 155-170.
- SANTOS, Gilda (org.). *Jorge de Sena em rotas entrecruzadas*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
- SARAIVA, Antonio José. *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Publicações Europa-américa Ltda.; 1972.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo; introdução de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo – Obras escolhidas III*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora; 1980.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.